



CORPO DE DELITO

Em Montreux

É tão má a imposição quanto o preconceito e a precipitação;
tentar compreender, sempre



Rui Patrício

Qual Bund, qual Ocean Drive, qual Calçada! Dêem-me a marginal de Montreux, no começo do Verão, quando o sol e a luz se apertam sobre o lago, entre os Alpes, de um lado, e as casas elegantes nas encostas verdes, do outro. Quando for muito velho, quero aquecer aqui o corpo no Verão, agitar aqui o olfacto na Primavera, alegrar aqui o olhar no Inverno e, no Outono, espiçar aqui a nostalgia. Isso se, quando for velho, Montreux ainda for Montreux e eu ainda for eu. Até lá, no começo do Verão, quero apenas estar, ver, observar, escutar, pensar. E tentar compreender. Há sempre tantas coisas para tentar compreender, mesmo em lugares quietos como as margens do Léman. Compreender por compreender, mas sobretudo compreender para não jul-

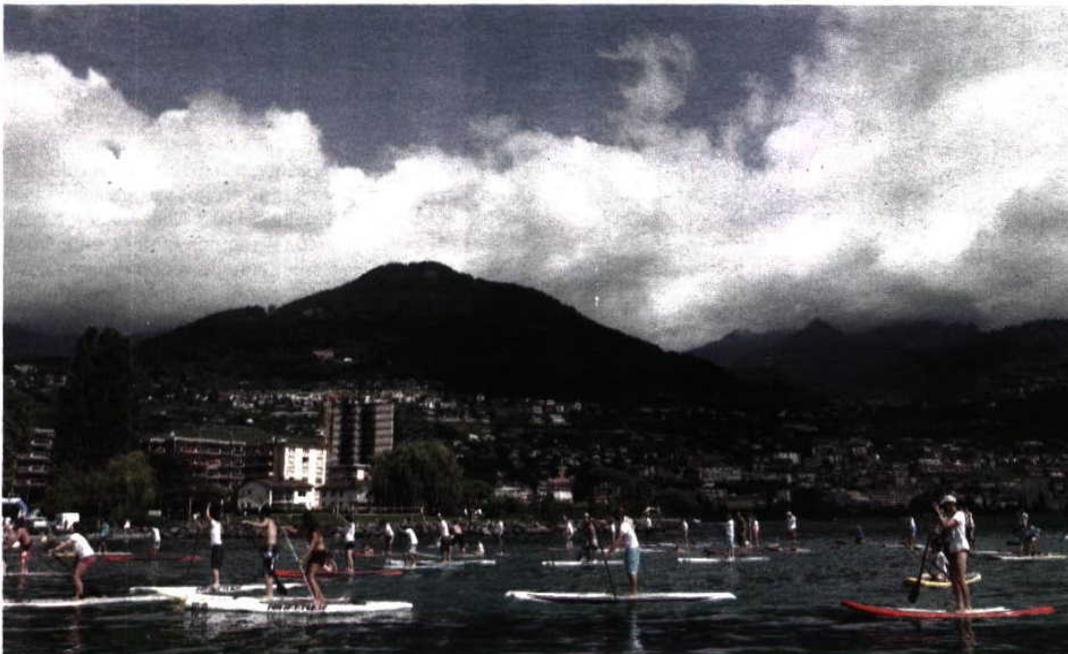
gar, ou para julgar um pouco mais esclarecido.

Tentar compreender, por exemplo, o que se passa numa esplanada da marginal. Homem, mulher e criança, aparentemente casal e filha (com três ou quatro anos). Têm os três uma tez médio-oriental, o homem e a mulher são jovens, ainda na casa dos 20 – se os sinais visíveis não enganam. Cabelo escuro, ele e a criança, quanto a ela não sei, apenas suponho. Ela enverga o Hijab, que lhe cobre o cabelo, o pescoço e as orelhas. Ela parece não ver o que se passa à volta, a não ser o que se passa com a filha. Não se lhe consegue encontrar o olhar, mesmo fugazmente. Ele, ao contrário, parece interessar-se e ver tudo, menos a mulher e a criança. Enverga uma T-shirt com CKJ em letras gordas e um boné da Gucci, por sinal vistoso, e calça uns ténis coloridos cuja marca não decifro. A criança tem cabelo crespo, um olhar vivo e usa dois ou três acessórios Hello Kitty.

E eu gostava de compreender. Tento. Gostava de compreender como se conjugava o Hijab com a T-shirt CKJ e o boné Gucci, bem como com a Hello Kitty. Gostava de compreender como se conjugará na criança – quando lhe vier o

sangue – a passagem da Hello Kitty para o Hijab. Gostava – gostava mesmo – de compreender porque é que a mulher só vê para dentro e o homem só vê para fora. E também se a criança vê alguma coisa e se algum dia compreenderá mais do que eu. Mas gostava sobretudo de compreender se a mulher usa o Hijab porque decidiu assim, ou apenas porque é tradição e um dia deitou-se com o que, na sua infância, fazia as vezes de Hello Kitty e acordou com o Hijab, já mulher. Ou se, sendo tradição, além de lho colocarem um dia, lhe impõem que o use. Eu não sei quais destas razões, ou outras, são as que explicam que ela o use. E gostava de saber. Gostava de saber por saber, mas também para não julgar, ou julgar mais esclarecido. E talvez – se fosse o caso – para agir. É que todos os costumes e todos os modos de viver são iguais e valem o mesmo, excepto aqueles que impõem certas coisas a certas pessoas. E excepto, também, aqueles que levam a agir precipitada ou levemente, sem tentar compreender. É tão má a imposição quanto o preconceito e a precipitação. Tentar compreender, sempre. Os lugares quietos são bons para isso.

Advogado. Escreve ao sábado



A beleza costeira de Montreux